

RESUMOS DE TEXTOS SOBRE TEORIAS LINGUÍSTICAS - PARTE I

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset

RESUMO

Esta atividade de socialização de resumo de textos sobre Teorias Linguísticas objetiva disseminar e dar visibilidade ao conhecimento construído a partir de reflexões da sala de aula, transpondo as paredes da Universidade, estando ao alcance da comunidade acadêmico-científica.

1 A TRAJETÓRIA DA LINGUÍSTICA - BREVE HISTÓRICO

1.1 ABORDAGENS DIFERENTES AO ESTUDO DA LINGUAGEM. PRÉ-LINGUÍSTICA, PARALINGUÍSTICA, LINGUÍSTICA PROPRIAMENTE DITA

Com este texto de Joaquim Mattoso Câmara damos os primeiros passos ao estudo da linguística. Refletimos acerca de quanto a linguagem é natural e espontânea em nossa vida: o autor apresenta uma analogia entre o falar e a mecanicidade do caminhar – inconsciente.

Para iniciar o estudo da linguagem, o autor faz um resgate histórico passeando pela invenção da escrita, que provocou a percepção de formas linguísticas. Criou-se a possibilidade de estudar o impacto da linguagem por meio de fatores sociais e culturais.

A diferenciação de classes é o primeiro fator: a estratificação social é permeada pela linguagem, “marca desse status social” é o estudo do certo

e do errado. As classes superiores tentam preservar os traços linguísticos corretos – gramática - em oposição às classes inferiores em que o falante não dominou os traços linguísticos mantidos pelas classes superiores. Sob este ponto de vista, o estudo da linguagem é um estudo sistemático desses traços.

O segundo fator que determina o estudo da linguagem é o intercâmbio linguístico, é o estudo da língua estrangeira: a partir do contato de uma dada sociedade com comunidades estrangeiras que falam outras línguas, busca-se a compreensão linguística, faz-se esforço para dominar línguas estrangeiras. Os contrastes entre as duas línguas estimula a curiosidade humana e as comparações sistemáticas.

O terceiro fator é o estudo filológico da linguagem, é a comparação da linguagem do passado com a linguagem do presente. O estudo de textos literários do passado contribuem pois somente captamos a mensagem artística com a compreensão de traços linguísticos obsoletos para usuários do idioma contemporâneos.

O quarto fator é o estudo lógico da linguagem, pois os estudos filosóficos são entrelaçados com o estudo da linguagem. Os gregos denominaram lógica o estudo híbrido, filosófico e linguístico ao mesmo tempo.

O estudo biológico da linguagem traz à tona que a linguagem, embora social e cultural, está baseada em uma predisposição biológica, a aspectos biológicos do corpo humano.

O estudo histórico da linguagem tenta desenvolver a natureza da linguagem como acontecimento histórico e traz o conceito da sociedade humana como fenômeno histórico. A linguagem como manifestação cultural da sociedade torna-se um objeto de estudo histórico.

O estudo descritivo da linguagem focaliza a função social da linguagem e analisa os meios pelos quais ela preenche essa função social. Parte da premissa de que todo fato social, além de ser um acontecimento histórico, possui uma função social atual.

O autor ressalta que há fatores correlatos, dependentes e entrelaçados. Conceitua como pré-linguística o estudo do certo e do errado, o estudo da língua estrangeira e o estudo filológico da linguagem. Denomina paralinguística o estudo biológico e o estudo logico da linguagem. Tanto a pré-linguística quanto a paralinguística antecederam a linguística, ciência nova, que surgiu na Europa em meados do século XIX. Todavia, a história é um desenvolvimento contínuo. A linguística não teria evoluído sem as experiências da pré-linguística e da paralinguística, que não cessaram de existir e contribuíram com o advento da linguística. A linguística não é uma disciplina isolada e autônoma: há contribuição da psicologia, da biologia e da antropologia no estudo da linguagem.

1.2 ESTUDOS PRÉ-SAUSSURIANOS

O autor do texto intitulado Estudos pré-saussurianos, Carlos Alberto Faraco, aponta que foram Jakobson e Troubetzkoy quem apresentaram as teses saussurianas nos três fóruns de grande porte - Haia 1928, Praga 1929 e 1930. Foram nesses eventos que o pai da linguística moderna, Ferdinand de Saussure (1857-1913), obteve o real impacto do Curso, publicado postumamente em 1916. Na prática, porém, a linguística continuou sendo, no espaço universitário, uma disciplina fundamentalmente histórica.

Saussure realizou um grande corte nos estudos linguísticos. A partir de suas concepções se construiu uma ciência sincrônica da linguagem. Seu ovo de Colombo foi o jogo sistêmico de relações de oposição: nada é num sistema linguístico senão por uma teia de relações de oposição.

É preciso reconhecer o longo processo preparador do gesto epistemológico saussuriano: possibilidade da imanência da língua - ciência autônoma da linguagem numa realidade sincrônica. Saussure efetuou uma ruptura com o modo de fazer linguística do século XIX, entretanto, também houve continuidade: deu consistência formal à velha intuição de que as línguas humanas são totalidades organizadas.

Assim, vamos caminhar no cenário dos pioneiros, no nascimento da linguística, no período que antecedeu o corte saussuriano: Schleicher (1821-1867), botânico, concebia a língua como organismo vivo, com existência própria independente de seus falantes, sua obra representa uma síntese do saber acumulado nessa área até seu tempo, pois, por meio de estudo extensivo do lituano, teve o mérito de ter sido o primeiro estudo de uma língua indo-europeia efetuado a partir da fala e não de textos, passo metodológico importante para os estudos linguísticos. Whitney (1827-1894), americano universitário e professor de Yale, um dos primeiros estudiosos das línguas indígenas da América do Norte, apresentava a ideia de língua como uma instituição social, uma convenção: defendia a necessidade de uma ciência autônoma da linguagem que deveria diferenciar-se do estudo histórico-comparativo. Willian Jones (1746-1794), juiz inglês entrou em contato com o sânscrito e, por meio de trabalho empírico, levantou a hipótese de que semelhanças entre o sânscrito, o grego e o latim não era acaso: em 1786 apresentou o marco simbólico do início da linguística como ciência. A metáfora da família das línguas nasceu nesse contexto intelectual. Desencadeou um movimento investigativo acerca dos caminhos percorridos pela história e o princípio de que as línguas mudam no tempo, de que é possível reconstruir, por comparações e inferências, aspectos de estágios anteriores das línguas, não documentados. Contribuiu com a construção, por ilação ou dedução, da ideia da imanência: de que fatos linguísticos são condicionados só e apenas por fatos linguísticos. O alemão Franz Bopp (1791-1867) escreveu em sua Gramática Comparada: "as línguas são estudadas por si mesmas, como objeto". A tradição anterior tratava a linguagem relacionada com outros interesses – a lógica, a retórica, a poética – foi com a linguística comparativa e histórica que se tratou a linguagem em si mesma e por si mesma. O intelectual alemão Friedrich Schlegel (1772-1829) também destaca-se como pioneiro da gramática comparativa: publicou, em 1808, Sobre a sabedoria dos hindus, considerado o ponto de partida dos estudos comparativos germânicos.

A partir desses estudos, criou-se o método comparativo, que muito contribuiu com a linguística histórica, por explicitar parentesco entre as línguas e, determinar, por inferência, características da língua ascendente comum de um certo conjunto de línguas.

Neste viés, há que ressaltar Jacob Grimm (1785-1863) - um dos irmãos que ficaram famosos por coletarem histórias infantis, cronologicamente, na sequência de 14 séculos - , por interpretar a existência de correspondências fonéticas sistemáticas entre as línguas como resultado de mutações regulares no tempo. Evidencia-se, também, o estudo comparativo das línguas oriundas do latim - românicas - efetuado pelo linguista alemão Friedrich Diez (1794-1876): a extensa documentação em latim apontou para a confiabilidade do método histórico-comparativo.

No final do século XIX, os neogramáticos - nova geração de linguistas - questionou os pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa e apresentou orientação metodológica diferente e conjunto de postulados teóricos para interpretação da mudança lingüística: Hermann Osthoff (1847-1909), Karl Brugmann (1849-1919), A. Leskien (1840-1916), Hermann Paul (1846-1921), L. Bloomfield (1887-1949) . Interessava, aos neogramáticos, investigar os mecanismos de evolução da língua: mudanças sonoras, leis fonéticas, mudança por analogia. A herança dos neogramáticos é fundamental: o enfrentamento dos problemas de história das línguas contribuiu para o desenvolvimento da linguística histórica.

Entretanto, as formulações dos neogramáticos provocaram a crítica de vários linguistas, pois afirmavam que a realidade da mudança é mais complexa do que sugeria a formulação dos neogramáticos, porque tem a ver com o contexto concreto - não uniforme e não homogêneo - em que a língua é falada. O austríaco Hugo Schuchardt (1842-1927) opôs-se aos neogramáticos quanto ao conceito de lei fonética: há variedades de fala condicionadas por fatores de gênero, de idade, de nível de escolaridade do falante - tema que a sociolinguística retomará na década de 1960. U. Weinreich, na década de 1950, retomará o tema das variações pela

proximidade geográfica, em decorrência de invasões, conquistas e intercruzamentos étnicos e culturais.

Também importante pensador dos estudos linguísticos do século XIX, Wilhelm von Humboldt (1767-1835), diplomata, criador da Universidade de Berlim, dono de erudição enciclopédica e de paixão pelas línguas, afirmava que nenhum elemento poderia ser estudado fora da forma da língua: tinha um traço comum com Whitney e Saussure, na concepção de língua como uma totalidade organizada, em que o elemento só faz sentido no conjunto, traço fundamental para a linguística do século XX. Para Humboldt, a forma da língua remete a todos os aspectos do trabalho mental contínuo da construção da expressão, “é o trabalho mental continuamente reiterado de fazer o som articulado capaz de expressar o pensamento”. Para ele, linguagem e pensamento constituem uma unidade, concebe a língua não como um sistema gramatical, mas como uma atividade mental sistemática de elaboração: a gramática e a comunicação são acessórias, o essencial é o trabalho elaborador do espírito.

Foi considerável a produção de estudos linguísticos do século XIX. Uma revisão panorâmica do pensamento linguístico do século XIX aponta língua como realidade com história sob mutação permanente no eixo do tempo, reorganiza a percepção de diversidade e a existência de uma rede de relações genéticas entre línguas diferentes, concede forma ao senso de sistema sob perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas, lançando condições para o corte saussuriano. Assim, o pensamento linguístico do século XIX direcionava-se para a estrutura, a língua não como sistema gramatical, mas como atividade sistemática do espírito humano.

No século XX prevaleceu esta ótica estrutural: tema da interação, da intersubjetividade, do dialógico, tema da relação EU-TU, numa compreensão mais ampla do modo de estudar a linguagem. Faraco afirma: “projetar a problemática dessas linguísticas num eixo de grande temporalidade, a temporalidade imediata das teorizações, e olhá-las como parte de uma reflexão maior que, embora dispersa, difusa, heterogênea e descontínua,

estende-se no tempo, isto é, não começa com as teorizações de hoje, nem nelas se esgota”.

REFERÊNCIAS

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. Abordagens diferentes ao estudo da linguagem. Pré-linguística, paralinguística, linguística propriamente dita. In: História da Linguística. RJ: Vozes. 1975.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos Pré-Saussurianos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. Introdução à linguística. Domínios e fronteiras. V.2. São Paulo: Cortez, 2001, p.27-52

SAPIR, Edward. A posição da Linguística como ciência. In: Linguística como Ciência. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961, p. 17-27.

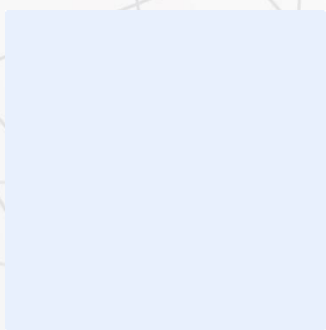
SAPIR, Edward. O Gramático e a Língua. In: Linguística como Ciência. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961, p. 29-42.

SAPIR, Edward. Língua e Ambiente. In: Linguística como Ciência. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961, p. 43-62.

SAUSSURE, Ferdinand de. Objeto da Linguística. In. Curso de Linguística Geral. São Paulo, Cultrix, 2006, p. 15-25.

SAUSSURE, Ferdinand de. Objeto da Linguística. In. Curso de Linguística Geral São Paulo, Cultrix, 2006, p.94-116.

Imagens relacionadas



Fonte:



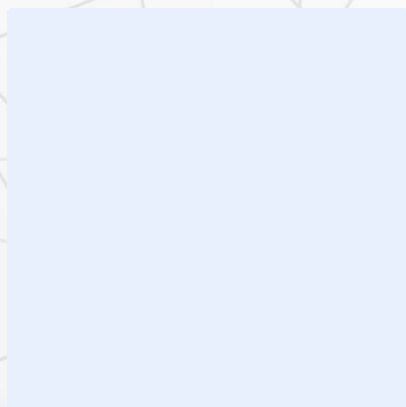
Fonte:



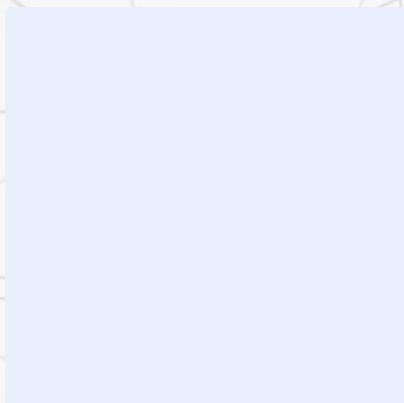
Fonte:



Fonte:



Fonte:



Fonte: